

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,  
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A ESCOLA COMO LUGAR DE INCLUSÃO X EXCLUSÃO**

**MARIA TEREZA NOGUEIRA E MIRANDA**

**ORIENTADORA: LÍLIAN MEIRE DE OLIVEIRA PINTO**

**BRASÍLIA/2011**

**MARIA TEREZA NOGUEIRA E MIRANDA**

## **A ESCOLA COMO LUGAR DE INCLUSÃO X EXCLUSÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em  
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da  
Faculdade UAB/UNB - Pólo de Itapetininga.  
Orientadora: Lílian Meire de Oliveira Pinto.

BRASÍLIA/2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARIA TEREZA NOGUEIRA E MIRANDA

### **A ESCOLA COMO LUGAR DE INCLUSÃO X EXCLUSÃO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Lílian Meire de Oliveira Pinto (Orientadora)

---

Valícia Ferreira Gomes (Examinador)

---

Maria Tereza Nogueira e Miranda (Cursista)

BRASÍLIA/2011

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado forças a continuar esse estudo.

A todos que participaram desta pesquisa de forma direta e indiretamente.

Às professoras que responderam prontamente ao meu questionário.

À mãe que compareceu ao meu pedido e não se constrangeu em falar sobre o seu filho.

À diretora da escola que abriu espaço dando oportunidade para a concretização da pesquisa e por toda equipe escolar.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o verdadeiro significado de inclusão e exclusão a partir da compreensão de pais e educadores, com o intuito de diagnosticar por onde começa o processo de inclusão. Este trabalho foi elaborado através de estudos com autores que tratam do tema inclusão, falando das problemáticas que a escola enfrenta ao receber um aluno com deficiência e sem diagnóstico preciso, para que o atendimento de seu filho seja rápido e progressivo. Foram realizadas entrevistas com os pais, professores e alunos. Os resultados apontam a tentativa da escola em aproximar família e o problema do aluno, buscar recursos e entender o que acontece com essa criança. A tentativa da escola é de unir a família, o aluno e a equipe escolar.

Palavras-chaves: Família; Escola; Inclusão; Exclusão.

## SUMÁRIO

### RESUMO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1. A Escola como lugar de inclusão x exclusão</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2. Inclusão</b> .....	<b>8</b>
<b>1.3. A inclusão no ambiente escolar</b> .....	<b>9</b>
<b>1.4. Quando a família exclui</b> .....	<b>10</b>
<b>II – OBJETIVOS</b> .....	<b>13</b>
<b>III – METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
<b>IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>V – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>26</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>28</b>
<b>A – Questionário direcionado a professores e à família</b> .....	<b>29</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>30</b>
<b>A – Carta de Apresentação – Escola (Modelo)</b> .....	<b>31</b>
<b>B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)</b> .....	<b>32</b>
<b>C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)</b> .....	<b>34</b>

## APRESENTAÇÃO

Trabalhando como professora a mais de vinte anos no Estado, vou presenciando a cada ano situações diferentes. Temos todo tipo de aluno desde aquele que precisa da nossa atenção a toda hora, até aquele que não podemos tirar o olho em nenhum momento.

Tendo esse tipo de aluno em sala de aula, é que vem a preocupação da inclusão. A primeira coisa que um professor espera quando tem em sua sala um aluno com esse perfil é que a visita da família seja o primeiro contato com o problema. Ter um diagnóstico do aluno de forma detalhada dando uma orientação e nos direcionando sobre como deveria ser o nosso trabalho já é o primeiro passo. Não posso receber um aluno sem saber o que lhe aconteceu, mas infelizmente isso é o que acontece e ficamos com alunos durante longos períodos, de um ano a outro sem saber o que nós e a família pode-se fazer para ajudá-lo.

O tema inclusão é muito polêmico, muitas vezes pais de alunos não enxergam isso com bons olhos e não querem o envolvimento de seus filhos com crianças que possuem alguma deficiência. Excluir é muito mais rápido e fácil, não precisamos justificar, é só não tomar conhecimento da situação.

Precisamos saber realmente o verdadeiro significado da inclusão, não podemos responsabilizar a escola de tudo o que acontece com o aluno, temos que saber qual a verdadeira causa do problema e quais são os aspectos que devemos ter uma maior atenção para podermos avançar.

Cabe a família uma grande parte de responsabilidade, assim como outra parte se destina à interação com a escola, pois o objetivo tem que ser o mesmo.

Fazendo esta pesquisa poderei ter certeza de como desenvolver o meu trabalho na sala de aula, pois temos um aluno concreto, não aquele imaginário que muitas vezes colocamos apenas para ser tema de palestra e não podemos ignorar o ser humano que está em nossas mãos e tratá-lo como um objeto qualquer que coloca num canto e lá fica.

Temos que mudar o nosso olhar diante desse problema, porém sozinho não se consegue nada. Desta forma, esta pesquisa tem por objetivo compreender o verdadeiro significado de inclusão e exclusão, onde ela realmente começa.

A exclusão que muitas vezes começa na família, causa conflito na escola. Receber aluno especial em classe regular sem ter uma documentação para orientar quais os passos que devem ser tomados. Trabalhar um aluno com deficiência e não ter uma visita da família que se interesse pelo trabalho feito, sem acompanhamento para poder dividir problemas, achar solução e ver o resultado.

Mostrar a tentativa da escola em aproximar família e o problema do aluno, buscar recursos e entender o que acontece de fato com essa criança. A tentativa da escola é de unir a família, o aluno e a equipe escolar, envolver a família que está sempre distante sem aceitar os encaminhamentos feitos pela escola com medo de enfrentar a culpa.

Para concretizar esta pesquisa, dividiremos esta monografia em partes para que fique mais fácil e abrangente a discussão desse tema tão polêmico.

Na primeira parte desta monografia, discute-se sobre “A inclusão no ambiente familiar”, a segunda parte, sobre “A inclusão no ambiente escolar”, a terceira parte falaremos sobre “Quando a família exclui” e a quarta e última sobre “A importância da família no desenvolvimento da criança com deficiência”. Começaremos e terminaremos falando da família, para mostrar o quanto essa tem papel importante no desenvolvimento do indivíduo, na sua formação emocional, social e psicológica.

Uma das concepções teóricas escolhidas para embasar este estudo foi a Educação: um tesouro a descobrir de DELORS (1998), quando cita a família como a primeira escola:

“A família é a primeira escola da criança, mas quando o meio familiar falha ou é deficiente, incumbe à escola manter vivas, ou mesmo fornecer, as potencialidades de aprendizagem. É preciso dar particular atenção a todos os aspectos da educação destinada a crianças vinda de meios desfavorecidos; as crianças de rua, os órfãos, as vítimas de guerra ou de outras catástrofes, devem se beneficiar de esforços concertados por parte dos educadores. Quando as crianças têm necessidades específicas que não podem ser diagnosticadas ou satisfeitas no seio da família, é à escola que compete fornecer ajuda e orientação especializadas de modo a que possam desenvolver os seus talentos das dificuldades de aprendizagem e das deficiências físicas” (p. 130).

Após esta parte teórica, a presente monografia apresenta os objetivos propostos para serem investigados, a forma como metodologicamente conseguimos alcançar a concretização destes objetivos e logo em seguida a exposição dos resultados obtidos com a realização das entrevistas. Ao final são discutidas as considerações finais onde teremos uma ideia completa que talvez possamos mudar de opinião ou acentuar aquelas que já tínhamos e listadas as referências usadas para compor este trabalho. São ainda trazidos nos apêndices, os questionários de entrevistas e nos anexos os Termos de Consentimento Livre Esclarecidos.



## **I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1. A Escola como lugar de inclusão x exclusão**

Buscar um mundo inclusivo significa enfrentar desafios permanentes (WERNECK, 1999). A existência humana, assim como a arte, encontra várias formas de desabrochar, valorizando sempre a heterogeneidade. Ter valores inclusivos não exclui enfrentar dificuldades na hora de implementá-los. Mas, é bom que as dificuldades venham, para que cada escola vá construindo com solidez o seu próprio e particular modelo de ensino. Por isso, são importantes as trocas diárias entre os profissionais e a direção da escola sobre os problemas e as soluções que com certeza aparecerão.

A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre as pessoas envolvidas desconhecem completamente os seus direitos e muitas nem questionam que deveria existir um apoio, que fosse embasado por lei. Por isso não podemos deixar de citá-las em nossos estudos.

### **1.2. Inclusão**

As Constituições brasileiras de 1934, 1937 e 1946, garantiam a todos o direito à educação.

Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, afirma o princípio da não – discriminação e proclama o direito de todos à educação.

O atual texto constitucional (1988) igualmente consagra no Art. 205, a educação como um direito de todos e dever do Estado e da família, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No Art. 206, pode-se destacar princípios eminentemente democráticos, cujo sentido é nortear a educação, tais como: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.

Esse mesmo texto foi regulamentado em seus detalhes pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei de nº 9.394/96. Há mais de 30 anos a escola inclusiva está atuante

nos países desenvolvidos. Em 1994, na “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade”, organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a Unesco, reuniram-se representantes de 92 países e de 25 organizações internacionais com o objetivo de promover a educação para todos.

A educação inclusiva, segundo as propostas do Ministério da Educação, visa “transformar as escolas públicas brasileiras em espaços inclusivos e de qualidade, que valorizem as diferenças sociais, culturais, físicas e emocionais e atendam às necessidades educacionais de cada aluno” (PAULON, 2005, p.5).

A escola inclusiva é a única capaz de preparar um jovem para as opções de trabalho que o aguardam no próximo milênio (WERNECK, 1999).

A Resolução n.04, de 13/07/2010, art. 29, parágrafo 2º, regulamenta que os sistemas e as escolas devem criar condições para que o professor da classe comum possa explorar as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor de AEE deve identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar e orientar sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.

### **1.3. A Inclusão no ambiente escolar**

É preciso trabalhar todo o contexto em que o processo de inclusão deve ocorrer. Do contrário, corre-se o risco de contribuir para mais preconceitos em torno dos deficientes. As diferentes formas de segregação ou rejeição que têm sofrido, considerando os mecanismos psicológicos que têm por detrás, costumam caracterizar-se por desumanidade e perversidade.

A educação inclusiva tem sido conceituada como um processo de educar conjuntamente e de maneira incondicional, nas classes do ensino comum, alunos ditos normais com alunos – com ou sem deficiências – que apresentem necessidades educacionais especiais. A inclusão beneficia a todos, uma vez que sadios sentimentos de respeito à diferença, de cooperação e de solidariedade podem se desenvolver (CARVALHO, 1994).

Uma educação inclusiva não constitui tão somente tarefa dos organismos governamentais das escolas. Requer a cooperação, a participação das famílias, a mobilização das comunidades e, as organizações não governamentais, no propósito de atingir e envolver o público.

Em algumas instituições de ensino se sobressai a concepção de que: “muitos educadores, reconhecendo que a velocidade de aprendizado pode variar de criança para

criança, isolam os “aprendizes lentos” de seus professores e companheiros através do uso de instrução programada e muitas vezes mecanizada”. Vigotsky (2008), por outro lado, quando vê o aprendizado como um processo profundamente social, enfatiza o diálogo e as diversas funções da linguagem na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediado..

A Educação Inclusiva propõe que todas as pessoas com necessidades educacionais especiais sejam matriculadas na escola regular, baseando-se no princípio de educação para todos.

“Escolas regulares são os meios mais capazes para combater atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, constituindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; para, além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo” (UNESCO, 1994, p. 35).

Segundo Mantoan (2006), a educação inclusiva surge como respostas educativas para as necessidades de seus alunos. E nesta busca de respostas para atender à diversidade, o processo pedagógico fica mais rico, propiciando uma melhor qualidade de educação para todos. A educação inclusiva implica as barreiras que se contrapõem à aprendizagem e à participação de muitas crianças, jovens e adultos, com finalidade de que as diferenças culturais, socioeconômicas, individuais e de gênero não se transformem em desigualdades educacionais e, assim, em desigualdades sociais.

A escola está caminhando cada vez mais rapidamente em direção à uma efetiva inclusão e as pessoas envolvidas nessas situações estão mais abertas para abraçar essa causa justa e solidária.

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, porque não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. A inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que por sua vez abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais.

É indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos

especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos com ou sem deficiências, mas sem discriminações (MANTOAN, 1999, 2001; SILVA, 2000)

Incluir não é deixar ninguém de fora da escola comum, ou seja, ensinar a todas as crianças indistintamente.

#### **1.4. Quando a família exclui**

A família é a primeira escola da criança, mas quando o meio familiar falha ou é deficiente, incumbe à escola manter vivas, ou mesmo fornecer, as potencialidades de aprendizagem. É preciso dar particular atenção a todos os aspectos da educação destinada às crianças vindas de meios desfavorecidos. Quando as crianças têm necessidades específicas que não podem ser diagnosticadas ou satisfeitas no seio da família, é à escola que compete fornecer ajuda e orientação especializadas de modo que possam desenvolver os seus talentos, apesar das dificuldades de aprendizagem e das deficiências físicas.

A exclusão muitas vezes começa na família, pois esta faz com que o aluno especial vá para classe regular sem uma documentação, ou qualquer orientação para saber quais os passos que devem ser tomados. Além disso, durante seu período na escola, este aluno, muitas vezes, passa meses sem ter uma visita da família que se interesse pelo trabalho que estão fazendo com ele, sem acompanhar os professores e ajudá-los a dividir problemas, achar soluções e ver o resultado, que com este abandono da família se torna quase impossível.

Quando a família deposita em um de seus membros o papel de “doente”, de desviante em algum sentido, a escola e os profissionais que concentram seus esforços apenas em direção à criança ou adolescente, estão de algum modo diminuindo a suas possibilidades de cura.

A enorme influência da família no desenvolvimento da criança é um fato indiscutível. Os pais devem prover aos seus filhos suporte emocional, informação e conselho, se desejarem que a criança tenha uma recordação de sua infância como um período feliz e frutífero (DESSEN; POLONIA, 2007).

Quando a criança é possui um transtorno específico, a forma com que a família reage perante as dificuldades poderá agravar ou ajudar a sua recuperação. Suas dificuldades poderão apresentar conflitos nessa relação (DESSEN; POLONIA, 2007).

O primeiro passo é discriminar se a criança é possui um problema de aprendizagem ou se o baixo rendimento é uma problemática familiar. A família é certamente o principal e o primeiro contexto de desenvolvimento no qual o ser humano vive. Suas experiências dentro

do seio familiar o marcarão por toda a vida. Para Correia (2008) a família constitui o alicerce da sociedade, ela é um dos principais agentes no desenvolvimento da criança e, apesar de debate em torno do papel atual da família e da sua composição, ela permanece como elemento-chave na vida e desenvolvimento da criança. Neste sentido, a escola deverá sempre considerar a família nas decisões importantes a respeito da criança, sejam crianças normais, sejam crianças com NEE.

Há sempre um movimento de pais de alunos sem deficiência que não admitem a inclusão, por acharem que as escolas vão piorar ainda mais a qualidade de ensino se tiverem de receber esses novos alunos.

Os pais podem ser nossos grandes aliados na reconstrução da nossa escola brasileira. Eles são uma força estimuladora e reivindicadora dessa tão almejada recriação da escola, exigindo o melhor para seus filhos, com ou sem deficiência.

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (REGO, 2003). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Assim para tentar entender toda a problemática familiar temos que considerar que para haver uma inclusão escolar é preciso uma inclusão familiar.

Os laços afetivos asseguram o apoio psicológico e social entre membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano (OLIVEIRA, BASTOS, 2000).

Ferreira e Ferreira (2004), afirmam que há indícios de que algumas situações educacionais de superação de dificuldades na escolarização têm sido devido à participação da família.

Quando a família enfrenta a realidade que seu filho tem dificuldades em uma área importante como a escola, deve fazer uso de mecanismos de regulação para aceitar a crise. ((DESSEN, POLONIA, 2007).

### **1.5. A Inclusão versus Integração**

A discussão em torno da integração e da inclusão cria ainda inúmeras polêmicas, provocando as corporações de professores e de profissionais da área de saúde que atuam no atendimento às pessoas com deficiência.

Os termos integração e inclusão, embora tenham significados semelhantes, são empregados para expressar situações de inserção diferentes e se fundamentam em posicionamentos teóricos - metodológicos divergentes.

Integração refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais, agrupados de lazer ou residências para deficientes.

A inclusão questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, já que prevê a inserção escolar de forma mais radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular.

O processo de integração ocorre em uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema educacional — da classe regular ao ensino especial — em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros.

Nas situações de integração escolar, nem todos os alunos deficientes cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção. Para esses casos, são indicados a individualização dos programas escolares, os currículos adaptados, as avaliações especiais e a redução dos objetivos educacionais para compensar as dificuldades de aprender.

A inclusão é uma provocação, cuja intenção é melhorar a qualidade de ensino das escolas, atingindo todos os alunos que fracassam em suas salas de aula. A distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher indistintamente todos os alunos nos diferentes níveis de ensino.

Enquanto processos sociais, a integração e a inclusão são ambos muito importantes. Para tanto o processo de integração social terá uma parte decisiva a cumprir, cobrindo situações nas quais ainda haja resistência contra a adoção de medidas inclusivas.

Algumas pessoas utilizam as palavras integração e inclusão, já em conformidade com a moderna terminologia da inclusão social, ou seja, com sentidos distintos. Segundo Sassaki (1997), a integração significa inserção da pessoa deficiente preparada para conviver na sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania.

## **II – OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar qual seria o verdadeiro significado de inclusão e exclusão a partir da compreensão de pais e educadores, com o intuito de diagnosticar por onde começa o processo de inclusão.

### **2.2. Objetivo Específico**

- Compreender a tentativa da escola em aproximar família e o problema do aluno;
- Conhecer os recursos disponíveis na escola e verificar o que de fato acontece com as crianças especiais;
- Conhecer as concepções da família do aluno especial sobre a inclusão;
- Analisar as relações existentes entre escola e família

### **III- METODOLOGIA**

#### **3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia**

Esse trabalho foi elaborado com foco numa metodologia qualitativa, embasada através de pesquisa com autores que tratam do tema inclusão, com o intuito de abarcar as problemáticas que a escola enfrenta ao receber um aluno com deficiência e sem diagnóstico e como a família, por sua vez, reage nesta situação em que o aluno não possui um diagnóstico preciso o que torna mais demorado o atendimento de seu filho. Para aprofundar os conhecimentos sobre esse tema, foram realizadas ainda entrevistas com o uso de questionários. Desta forma, este estudo configura-se em um estudo de caso, tendo em vista que os três entrevistados são de uma mesma instituição escolar.

#### **3.2. Contexto da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada numa escola estadual de periferia, na cidade de Itapetininga-SP, que atende às famílias de baixa renda e com problema de estrutura familiar, tem-se alunos do Ensino Fundamental I e II e Sala de Recurso, seu corpo docente é formado por professores de sala de recurso e classe especial, os que trabalham com o Ensino Fundamental I (2º ao 5º ano) e os que trabalham com o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), essa pesquisa envolve professores da mesma escola e das mesmas séries em que trabalha a pesquisadora. O contato com alunos com necessidades especiais educacionais chama a atenção de todos os docentes.

O convívio entre os alunos e a dedicação entre eles, mostra-nos a inclusão, fazendo parte do nosso dia-a-dia. A escola acolhe os mais diversos tipos de alunos, com uma variedade de necessidades. Alguns alunos, em sala regular, são aqueles que fizeram parte de sala de recurso, tiveram atenção exclusiva e ainda têm um acompanhamento.

O trabalho desses professores leva a pensar no tema inclusão, não como um problema sério, mas como uma demanda do desenvolvimento que necessita da presença não só da escola, mas também do comprometimento dos pais.



### **3.3. Participantes**

Participaram da pesquisa, a mãe de um aluno de inclusão e dois professores de ensino fundamental de uma Escola Estadual. Foram identificados com nomes fictícios para preservar suas identidades.

Os professores escolhidos trabalham com alunos de inclusão que cursam Ensino Fundamental II. Para fazer parte desse estudo os participantes aceitaram formalmente sua participação nesta pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Os familiares dos alunos foram escolhidos sendo aqueles cujo filho está no processo de inclusão após ter frequentado a sala de recurso e que aceitasse participar da pesquisa e também que assinasse o TCLE.

### **3.4. Materiais**

Para construção, organização e análise das informações que nortearam esta pesquisa, foram utilizados:

- Questionário para os professores;
- Questionário para os pais;
- Folhas sulfite;
- Canetas.
- Computador

### **3.5. Instrumentos de Construção de Dados**

Utilizou-se como instrumento um questionário com questões que enfatizavam a inclusão escolar de alunos com deficiências e o procedimento de ensino-aprendizagem.

Os questionários para os professores e pais foram elaborados de maneira mais objetiva possível. Foi feito o mesmo questionário para todos os entrevistados, pois a intenção era conhecer as diferentes visões, da escola e da família, sobre o tema da inclusão. As perguntas deste questionário eram sobre o que os entrevistados entendiam sobre inclusão; qual era o papel da família e da escola neste processo; o quanto eles achavam que a escola e a família estavam preparadas para lidar com alunos com necessidades especiais; o que poderia ser feito

para melhorar a inclusão destes alunos na escola; qual era a parte mais difícil deste processo inclusivo e outras.

Os entrevistados responderam da melhor forma possível e com bastante clareza e simplicidade. Esse instrumento faz parte do material anexo da pesquisa.

### **3.6. Procedimentos de Construção de Dados**

A escola foi escolhida por ter alunos com deficiências em classe especial e em classe regular, pelo projeto pedagógico de inclusão que ela apresenta, e pelo trabalho de toda a equipe escolar em prol dos menos necessitados.

O questionário foi apresentado aos professores para saber suas opiniões a respeito do tema inclusão, esse trabalho foi realizado numa reunião de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), onde todos os professores da escola estavam reunidos num trabalho coletivo. O mesmo questionário foi apresentado à família, envolvida no processo de inclusão, especialmente à mãe, para ver o seu ponto de vista, e até que ponto conhece seus direitos e leis que amparam legalmente. Questionando também seus deveres para com a escola dando suporte de dados para que o trabalho com o aluno seja significativo, pois só poderemos saber como está o processo se soubermos a visão de todos os envolvidos.

Cada professor foi convidado a participar e os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e agendou-se um horário compatível para a realização da entrevista.

Alguns pais foram convidados a participar e uma mãe aceitou ser entrevistada para a pesquisa.

Nas observações informais na escola pode-se perceber que alguns alunos que estavam em sala de aula no processo de inclusão, tinham comportamentos semelhantes de seus colegas, trabalhando as diferenças, percebe-se então que muitos alunos da mesma classe não tem procedimento de exclusão, agindo normalmente diante de problemas criados pelos outros.

Sabemos que há um pré-conceito a respeito de inclusão, mas temos que mudar o pensamento e a ação de muitos envolvidos ou não nesse processo. Terminando essa pesquisa terei respostas a tantas perguntas.

### **3.7. Procedimentos de Análise de Dados**

A conversa com os professores, ouvir a mãe falar do seu procedimento em relação ao filho e a escola, sua participação no dia-a-dia escolar do filho, suas dificuldades em relação aos conteúdos ministrados na escola, as dúvidas que o filho tem em relação a si mesmo na sociedade, tudo isso nos mostra o quanto a inclusão é difícil para muitos, mas podemos tornar mais fácil e melhor aceitável.

A análise foi realizada a partir dos relatos das entrevistas. Todas as respostas dadas pelos entrevistados foram transcritas para o Word e foi realizada categorização das respostas procurando aspectos semelhantes ou divergentes nas respostas que estivessem em consonância com o objetivo da pesquisa. Assim como, aspectos relevantes foram exaltados nos resultados que serão apresentados a seguir.

## **IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados serão apresentados nesta seção, iniciando-se pela caracterização dos participantes encontrados, depois sendo descritos e analisados os resultados encontrados nas entrevistas com as duas professoras e a mãe de um aluno em processo de inclusão. Com os relatos das participantes pode-se perceber o quanto a escola promove a inclusão ou a exclusão, bem como, as implicações disto na visão dos professores e da família do paciente.

Apresenta-se aqui as repostas que foram encontradas nas dez perguntas que constituíram o questionário elaborado para esta pesquisa, direcionado aos professores e à mãe do aluno.

### **4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES:**

Foram encontrados três participantes para esta pesquisa. Duas professoras e uma mãe de um aluno. Segue algumas características de cada um destes entrevistados, lembrando que os nomes são fictícios para preservar suas identidades:

- Professora Marta, 25 anos de magistério, formada em Matemática, trabalha na Rede Pública, no Ensino Fundamental II e na Rede Municipal, no Ensino Fundamental I. Trabalha com alunos inclusivos em sua escola.
- Professora Verônica, mais de 10 anos de magistério, formada em História, trabalha na Rede Pública, no Ensino Fundamental. Também leciona para alunos com necessidades especiais.
- Mãe Matilde, do lar, acompanha seu filho em todas as séries, hoje está terminando o Ensino Fundamental. Seu filho é aluno da sala de recursos e tem necessidades especiais.

### **4. 2 ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E A MÃE DE UM ALUNO:**

#### **4.2.1. Inclusão escolar**

Quando os entrevistados foram questionados sobre o que eles entendiam sobre inclusão escolar, os três participantes apresentaram pontos de vistas diferentes. A professora a Marta relatou que “é o acesso de crianças com necessidades especiais às salas regulares”. Já para a professora Verônica, inclusão seria “estar envolvido e fazer parte tanto fisicamente

quanto Psicologicamente do ambiente (escola), para isso deve estar claro a participação, a realização dos deveres e o questionamento de seus direitos”. Na opinião da mãe do aluno, ela visualiza que a inclusão é algo que faça com “que ele melhore”. Diante destes relatos pode-se perceber que dependendo da necessidade com que cada um está envolvido no processo de inclusão esta vai ter um significado diferente, para os professores a concepção vem atrelada a direitos e deveres da escola e dos alunos neste processo e para a família da criança com necessidades especiais, sua intenção é apenas receber suporte para o filho e que ele melhore.

A Resolução nº 02, de 11/09/2001, indica que inclusão é: “a garantia do acesso continuado ao espaço comum de vida em sociedade, em uma sociedade orientada por relações de receptividades à diversidade humana e às diferenças individuais, em um esforço de equidade de oportunidades desenvolvimentais, em todas as dimensões de vida”.

#### **4.2.2. A família no auxílio à inclusão**

No que tange à ajuda das famílias dos alunos na efetivação ou não do processo de inclusão, todas as entrevistadas acharam que a presença dela é essencial para dar continuidade aos trabalhos e auxiliar melhor o aluno. Para a professora Marta, a participação da família é fundamental na parceria com a escola. A professora Verônica reforça esta ideia e acrescenta que é importante que a família “participe das reuniões, opine sobre o método de ensino (atividades diversificadas), auxilie (quando possível) nas realizações das atividades (tarefas), dialogue com a equipe escolar sobre o diagnóstico médico”. Para a mãe Matilde, ela acredita que faz sua parte como família e conversa muito com o aluno, estimulando-o a melhorar e tem boa relação com a escola.

Segundo Rego (2003) tanto a família quanto a escola elas compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão.

#### **4.2.3. A escola no auxílio à inclusão**

Quando questionadas sobre o papel da escola para auxiliar no processo de inclusão, as entrevistadas tiveram a mesma opinião de sua importância, mas cada uma citou um aspecto diferente de como a escola poderia ajudar cada vez mais estes alunos inclusivos que precisam de atenção especial, a professora Marta relatou a necessidade de dar total apoio ao aluno e sua família e de tentar facilitar esse processo de inclusão. A professora Verônica, afirmou que se deve aceitar as mudanças que ocorrem, conscientizar todos de que a escola de hoje deve estar aberta para todos, além de “realizar mudanças e adequar o ambiente físico para receber esses

alunos, eliminar o preconceito, ou tentar conscientizar os demais alunos do erro ao segregar as pessoas”.

Para a mãe do aluno, a visão da participação da escola no auxílio à inclusão é um pouco mais restrita, no sentido que ela aponta apenas o fato da escola colocar seu filho na Sala de Recurso, talvez esta afirmação aponte que as famílias desconhecem o direito que seus filhos tem por lei de receberem assistência completa para lidar com suas necessidades especiais, como a exigência de participação em uma sala de recurso.

Como parte integrante da Declaração de Salamanca estão as Linhas de Ação sobre Necessidades Educacionais Especiais, cujo objetivo é orientar organizações e governos em suas práticas de maneira que acolham todas as crianças, independentemente das condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou quaisquer outras. Propõe-se, dessa forma, que as escolas acolham tanto as crianças com deficiência como as bem-dotadas, assim como as das mais variadas origens e situações (UNESCO, 1994).

#### **4.2.4. Preparação da escola para lidar com os alunos inclusivos**

Em relação à preparação que a escola possui para lidar com alunos que necessitam de atenção, as professoras concordaram que não só na escola que trabalhavam, mas de forma geral, faltam ainda muitos recursos na escola e capacitação para os professores lidarem com alunos inclusivos. A professora Marta, relata que “os governantes não preparam nem as escolas, nem funcionários, como também os professores, simplesmente colocaram os alunos nas escolas”. A professora Verônica sustenta esta afirmação e ressalta que a falta de preparação encontra-se desde o material de apoio utilizado pelo professor, como na participação ativamente dos responsáveis (reunião, diagnóstico, médico) na escola, além disso, ela alerta para a “inexistência de capacitações para professores com profissionais da área de inclusão, a inexistência de locais específicos no ambiente físico (muitas escadas), o diálogo visando ao convívio entre os alunos (diminuir a segregação e o rótulo) e no objetivo de conscientização da nova escola aberta para a inclusão”.

A mãe do aluno inclusivo, quando questionada sobre esse assunto, parece não ter entendido muito bem a questão e se mostrou disponível para entrar em contato com a escola e ajudá-la no que for preciso.

Pelos relatos das entrevistadas pode-se perceber que a realidade difere muito da teoria, temos muitos trabalhos e declarações para sustentar a ótica da inclusão escolar, mas não se tem infra-estrutura, nem capacitação para os professores lidarem com esta nova demanda em sala de aula.

#### **4.2.5. Aspectos que poderiam melhorar a escola para a inclusão**

Quando se questionou as entrevistadas sobre o que poderia ser feito pela escola para que o resultado dela fosse melhor diante do processo de inclusão, as respostas apresentaram aspectos diferentes. A professora Marta, por um lado, relatou que a escola se esforça para fazer o possível diante de sua realidade, “a escola faz o que pode, corre atrás de recursos, teria de ter mais apoio por parte do governo”. Por outro lado, a professora Verônica, acha que a escola pode fazer algo a mais e sugere “levar os alunos (dito normais) a conviverem com os incluídos ou pelo menos fazer visitas a locais onde há a inclusão (APAE, Classes Especiais para cegos e surdos). Já em se tratando da responsabilidade do professor, Verônica ainda acrescenta “o professor deve buscar a auto capacitação (livros, atividades, internet, filmes), parando de reclamar ou esperar que o governo que faça a diferença.

Para Mantoan (2006), “é preciso mudar a escola, mais precisamente o ensino nela ministrado. A escola aberta a todos é o grande alvo e, ao mesmo tempo, o grande problema da educação nestes novos tempos” Para este autor, mudar a escola é enfrentar muitas frentes de trabalho, cujas tarefas fundamentais seriam: a) a recriação de um modelo educativo escolar, que tivesse como eixo o ensino voltado à todos; b) a reorganização pedagógica das escolas, abrindo espaços para a cooperação, para o diálogo, a solidariedade, a criatividade, bem como, o espírito crítico entre professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania e c) a formação, aprimoramento contínuo e a valorização dos professores, para que estes tenham condições e estímulos para lecionar a uma turma toda, sem exclusões e exceções.

Na visão da mãe Matilde, ela se mostrou satisfeita com o que a escola oferece a seu filho e citou apenas a necessidade da escola “ter mais segurança” para todos os alunos inclusivos e os regulares.

#### **4.2.6. Aspectos que a família poderia fazer para melhorar o processo de inclusão na escola**

No que tange à responsabilidade das famílias dos alunos para auxiliar ou melhorar o processo de inclusão da escola com o intuito que este apresente melhores resultados, as entrevistadas relataram seus pontos de vista, apresentando cada uma das sugestões para que a participação da família seja mais efetiva.

Na visão da professora Marta, a família deve “estar sempre presente, junto com a escola para os resultados serem melhores”. Já para a professora Verônica, os familiares dos alunos em processo de inclusão deveriam informar à escola e especificamente à equipe docente das dificuldades, das especificidades e dos avanços que a criança desenvolve no seu dia-a-dia, assim como, ela ressalta “transmitir para a equipe escolar (se possível) o melhor método de assimilação do conteúdo que a criança se adapta ou entende com maior facilidade”.

A opinião da mãe Matilde, deveria ocorrer mais comunicações entre a escola e a família para elas estarem se ajudando mutuamente.

Na visão das entrevistadas ficou verificado as várias formas que a família poderia ajudar à escola, para efetivar o processo de inclusão, fosse participando mais das atividades escolares, fosse informando à escola os avanços que esta criança apresenta em casa, numa tentativa de tentar adaptar as tarefas para que nos dois setores de sua vida, escolar e familiar ela possa apresentar um desenvolvimento semelhantes e avanços notáveis.

#### **4.2.7. Segurança para falar sobre inclusão**

Quando questionadas sobre a segurança que tinham para falar sobre Inclusão, as respostas apresentaram aspectos diferentes. A professora Marta não se sente segura para falar sobre o assunto “há muitos assuntos que não são passados para os professores”. Esta não foi apresentada para a professora Verônica devido a um erro de digitação nas questões.

Na visão da mãe Matilde, ela apenas afirma que sim, sem nenhum comentário.

Para professores o tema da inclusão se torna difícil de ser discutido, embora leis e portaria estejam em vigo há alguns anos. Na verdade, até os dias atuais o discurso da inclusão ainda está muito mais no plano das idéias do que das ações. Se para os professores é complicado discutir este tema, para os familiares dos alunos com necessidades especiais a realidade se torna mais complexa, pois poucas são as campanhas, os cursos e treinamentos voltados para à família. E em muitos casos, esta família possui poucos conhecimentos sobre o diagnóstico de seu filho, além de um nível educacional muito baixo.

#### **4.2.8. O amparo das leis sobre o tema inclusão**

Em relação às leis que amparam a inclusão dos alunos com necessidades especiais educacionais, apenas a professora Marta que respondeu, devido ao mesmo erro já mencionado anteriormente. Professora Marta tem conhecimento sobre o assunto, ainda menciona os direitos ao benefício do INSS, descontos em financiamentos, redução no horário de trabalho das mães.



A mãe Matilde diz que sabia das leis e fala da bolsa família.

O Princípio 5º da Declaração dos Direitos da Criança garante à pessoa com deficiência o recebimento de educação, tratamento e cuidados especiais. No mesmo sentido, a Constituição, a Constituição Brasileira de 1988 garante aos às pessoas com deficiência “atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino” (Art. 208, III). Este direito, também, é reiterado no Art. 54, III, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990). Da mesma forma, o Plano Decenal para Todos (MEC – 1993/2003), em seu capítulo II, C, ação 7ª, prevê a integração à escola de crianças e jovens com deficiência.

#### **4.2.9. Aspectos positivos e negativos no comportamento de alunos com necessidades especiais que frequentam classe regular**

Em relação aos aspectos positivos e negativos no comportamento de alunos com Necessidades Especiais que frequentam classe regular, as professoras concordaram nos aspectos positivos. A professora Marta, relata que “positivas, quando há apoio da família, as crianças aceitam bem um colega diferente, o maior problema são alguns pais”. Para a professora Verônica “acredito que pelos poucos alunos para os quais lecionei foram mudanças positivas”. E ainda cita exemplo, “Dois alunos, de escola pública numa cidade vizinha, os alunos não sentiam o olhar do “coitadinho” para com eles, muito pelo contrário, eram tratados como qualquer outro, sem privilégios ou rótulos, o diferencial estava na solidariedade ao empurrarem suas cadeiras de roda durante as trocas de aula”. Faz uma observação: “um dos alunos tinha um irmão na própria classe, que apresentava maior dificuldade de aprendizado, apesar de ser ‘normal fisicamente’. Outro exemplo é de uma aluna, também de escola pública da cidade de Itapetininga, uma aluna apesar de encontrar dificuldades na escrita (devagar e pausadamente), a mãe informou que nas aulas expositivas há a atenção e concentração surtindo resultados para a aprendizagem e assimilação do conteúdo, essa aluna apresenta deficiência física”.

A mãe Matilde apenas cita a sala de reforço, como um aspecto positivo, que o filho frequentou e que o ajudou muito na inclusão.

#### **4.2.10. Aspecto mais difícil no processo de inclusão**

Quando questionadas sobre a dificuldade no processo de inclusão, as entrevistadas

tiveram as seguintes opiniões. A professora Marta “nós professores não sermos preparados para situações que possam surgir com esse aluno”. Já a professora Verônica faz algumas citações:

- excluir o preconceito da sociedade (família, escola, igreja) de que a criança / jovem com necessidades especiais já está tachada ao rótulo de que não irá aprender ou não irá desenvolver habilidades e competência, ou seja, não possui nenhuma habilidade ou competência que possa ser motivada a desenvolver.

- conceituar o professor ou equipe escolar da necessidade de se auto capacitar para melhor ensinar esse aluno, tanto pedagogicamente quanto emocionalmente a fazer parte de uma sociedade.

- Cobrar dos órgãos educacionais maiores capacitação e formação didática dos professores e equipes da educação, para que possam trabalhar na inclusão escolar.

A mãe do aluno diz que o mais difícil é quando o filho não quer ir à escola.

De forma geral, percebe-se nos relatos das entrevistadas que ainda há muito que se fazer para alcançarmos um processo de inclusão que seja realmente efetivo por um lado tem-se a responsabilidade do governo em possibilitar recursos para as escolas, principalmente para a infra-estrutura, mas por outro temos a necessidade de maior capacitação por parte dos professores para lidar com a especificidade de atender crianças com necessidades especiais. Além disto, ficou evidente que a participação da família na escola é essencial para que a criança inclusiva seja atendida de forma integral para conseguir melhorar seu desenvolvimento como um todo.

O professor deve ser um guia para o entendimento; alguém que, segundo Bruner (2001), ajuda o aluno a descobrir por conta própria. É enxergar as crianças como seres pensantes e que seu desenvolvimento pode ocorrer como decorrência das trocas intersubjetivas, professor-aluno, aluno-aluno.

## V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa pesquisa tinha em mente uma família totalmente alheia a tudo, sem preocupações e desinteresse pelo filho e pela escola, mas ao ouvir da mãe “acompanhei o meu filho até aqui e irei até onde for possível”, percebemos não nos livros, mas na vida real que o avanço na vida escolar depende muito da família, que muitas vezes não tem nenhuma formação acadêmica, mas na formação afetiva e amparadora é diplomada.

Ao término dessa pesquisa muito aprendi sobre o tema inclusão, mas a realidade ainda está longe de ser a ideal a todos. Temos muito que aprender, o que parece tão fácil no papel, na prática não é tão fácil assim. Ainda é preciso muita dedicação e muitos estudos para chegarmos perto do ideal.

Ao longo desta pesquisa aprendi, também, que muitos autores têm uma visão clara, um vocabulário bonito, uma dedicação que parece não existir na realidade, mas esse não é um tema novo, pois a mais de 30 anos está sendo estudado e pesquisado. Há as leis que embasam todos esses estudos, mas, mesmo assim, ainda podemos perguntar “Será que só agora precisamos de inclusão”? “Quantas injustiças já foram feitas ao longo dos anos”

O Ministério da Educação visa transformar as escolas públicas em espaços inclusivos e de qualidade, que valorizem as diferenças sociais, culturais, físicas e atendam às necessidades educacionais de cada aluno.

Se há dúvidas ainda sobre o tema? Acredito que sim, pois há ainda pessoas que não acordaram para essa realidade, mas tenho certeza que num futuro muito próximo a realidade da inclusão seja mais dominada por todos, sejam da educação ou não.

Espero que o estudo de caso, realizado nesta pesquisa, possa ajudar a clarificar a noção que temos da participação ou não da família dos alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas. Não só vislumbrando as considerações da importância desta participação, mas também conhecendo o quão despreparados esta família está para lidar com a aceitação desta realidade, bem como, as limitações e preconceitos direcionados à seus filhos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares para a Educação Especial no Ensino Regular.** Disponível em: [www.mec.gov.br/seep/mec](http://www.mec.gov.br/seep/mec), 2001. Acesso em: 02 set. 2007.
- BRUNER, J. S. **A Cultura da Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CARVALHO, Elder Rosita. **Integração e inclusão: do que estamos falando?** Brasília: UNESCO, 1994.
- CORREIA, Luís de Miranda, (2008), **Inclusão e Necessidade Educativa Especiais: um guia para educadores e professores**, 2ª edição, Porto, Porto Editora
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo, Cortez, 1998.
- DESSEN, M.A.; POLONIA, A.C. A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v.17 n.36 Ribeirão Preto jan/abr. 2007
- EDLER C. R. **A integração de pessoas com deficiência.** São Paulo, Memnon, 1997
- FERREIRA, M. C. C.; FERREIRA, J. R.. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: Góes, Maria Cecília Rafael; LAPLANE, Adriana Lia Frieszman de. (Orgs.). **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campina-SP: Autores associados, 2004.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar O que é? Por quê? Como fazer? - Cotidiano Escolar – Ação Docente.** 2. Ed. São Paulo: Moderna. 2006.
- MANTOAN, M.T.E.. **Caminhos pedagógicos da inclusão.** São Paulo> Memnon Edições Científicas, 2001.
- MEC, **Educação Especial: tendências atuais: Salto Para o Futuro** – Brasília 1999.
- OLIVEIRA, M.L.S.; BASTOS, A. C. S. **Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: Um estudo comparativo de casos.** *Psicologia: Reflexão e Crítica.* 13(1), 97 – 107, 2000.
- PAULON, S.M. Documento subsidiário à política de inclusão. In: PAULON, S. M.; FREITAS L. B. de L.; PINHO, G.S.P. (Org.). **Análise de referenciais da educação especial.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SASSAKI, Romeu K. *Inclusão Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, T.T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WERNECK, Claudia. **Quem cabe no seu Todos? – Sociedade Inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA- Ed, 1999. 240p.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES E PAIS**

- 1- O que você entende sobre inclusão escolar?
- 2- Qual o papel da família para auxiliar no processo de inclusão?
- 3- Qual o papel da escola para auxiliar no processo de inclusão?
- 4- Quanto aos alunos inclusivos, você acha que a escola está bem preparada para atendê-los em suas necessidades?
- 5- O que poderia ser feito pela escola para que o resultado fosse melhor?
- 6- Há alguma coisa que a família possa fazer para que o processo tenha maior resultado?
- 7- Você sente segurança para falar sobre inclusão? Ou ainda tem dúvidas?
- 8- Quanto às leis, você sabe que existe um amparo legal para a inclusão? Poderia citar alguma lei que você conhece?
- 9- Você percebe que os alunos com necessidades especiais quando frequentam uma classe regular, possui mudanças positivas ou negativas no seu comportamento? Dê exemplos.
- 10- Qual a parte mais difícil nesse processo de inclusão?

## **ANEXOS**



## **ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO**

À (NOME DA DIRETOR (A))

Diretora do (NOME DA ESCOLA)

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública (pólo UAB-UnB de Itapetininga). Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

O trabalho será realizado pela cursista Maria Tereza Nogueira e Miranda sob orientação da Mestranda Lílian Meire de Oliveira Pinto cujo tema é: “Ambiente escolar um lugar de inclusão ou exclusão. Ambiente familiar não exclui?” possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (-----) ou por meio dos e-mails: -----

-----

Atenciosamente,

**Diva Albuquerque Maciel**

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

## **ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS**

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre “Ambiente escolar um lugar de inclusão ou exclusão. Ambiente familiar exclui? Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevista com a família no intuito de esclarecer o seu ponto de vista em relação ao tema. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone -----ou no endereço eletrônico----- . Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

---

Maria Tereza Nogueira e Miranda

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão  
Escolar UAB – UnB

---

**Sim, autorizo a participação de meu (minha) filho(a) \_\_\_\_\_ neste estudo.**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

## **ANEXO C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES**

Senhores professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre “Ambiente escolar um lugar de inclusão ou exclusão. Ambiente familiar não exclui?” Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas com os professores no intuito de esclarecer o seu ponto de vista em relação ao tema. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone -----ou no endereço eletrônico------. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

---

Maria Tereza Nogueira e Miranda

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão  
Escolar UAB – UnB

---

**Sim, autorizo a participação de meu (minha) filho(a) \_\_\_\_\_ neste estudo.**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**E-mail (opcional):** \_\_\_\_\_